



GOLFO PÉRSICO: EPICENTRO NEVRÁLGICO

Therezinha de Castro

*Professora de História no Colégio Pedro II, Rio de Janeiro, e
Geógrafa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE.*

I – INTRODUÇÃO

No século XVI, ocupando o ponto estratégico de Constantinopla, os muçulmanos, otomanos fanáticos, cortavam todas as esperanças do ocidente europeu cristão, de se valer do caminho antigo das especiarias. Buscaram então os ocidentais, liderados pelos portugueses, a rota do Cabo, por onde passam hoje 80% do petróleo consumido pelo Ocidente.

No passado, pois, Constantinopla dominava a estratégica passagem dos estreitos de Dardanelos e Bósforo, tão estratégica, como na atualidade, o estreito de Ormuz, que fecha o golfo Pérsico, o epicentro nevrálgico do mundo de hoje.

Dependência do oceano Índico, entre o Irã e a Arábia, onde desembocam o Tigre e o Eufrates pelo Shatt-al-Arab, a área se constituiu em porta de invasão na antiguidade e zona de fricção na atualidade.

II – GEOPOLÍTICA DO ISLÃ

Envolvem-se no golfo Pérsico – persas e árabes, sunitas e xiitas, sem contar com os palestinos que também se foram estabelecer nesta área que guarda a metade do petróleo mundial.

Nessa região coube à Pérsia (atual Irã) a tarefa de formar o maior império da antiguidade, que se estendia do Oriente Médio, soldado às ribeiras do Mediterrâneo, até o Indus, onde hoje se envolve o Paquistão. Justamente nesse centro persa

Malik ben Annás, seguidor de Shaffi, escreveu um livro de direito, baseado nos ensinamentos de Maomé, intitulado "Al Muwatta"; seus seguidores formam o grupo sunita malekita, que predomina no Kuwait, no Bahrein, no norte da África - Líbia, Argélia e Marrocos, como também na África Negra de colonização francesa.

Considerados na Arábia como não-islâmicos, os malekitas são rejeitados pelo grupo sunita waabita; estes, que detêm o poder entre os sauditas, na Arábia, destruíram o túmulo de Malik em Medina. Os waabitas são seguidores de Abd-al-Waabi (1703-1792), que, abjurando as idéias de Malik e negando o direito de interpretar o Corão, se aproximam mais dos xiitas, pregando a volta ao islamismo puro. Os waabitas também têm seguidores em Katar.

Não pára aí o divisionismo sunita a cujo ramo também pertencem os seguidores de Abraão. Segundo o Corão, Abraão era um "hannif", isto é, seguidor consciente da verdade monoteísta; portanto, se afastando do politeísmo deixou de ser considerado, pelos islâmicos, ligado aos israelitas e como nada tendo também com os cristãos. Foi, assim, o precursor da verdade pregada por Maomé e seus seguidores; sendo os hannefitas encontrados nas Repúblicas Socialistas Soviéticas Muçulmanas, no Afeganistão, no Paquistão, em Bangladesh, na Turquia e na Tunísia.

Várias outras seitas menores e de significação marginal ainda coexistem, dentro do mundo islâmico, que só pode, na realidade, ser igualado ritualmente.

Visto sob diversos enfoques, o islamismo que se une pretende renascer geopoliticamente dentro do ecumenismo do petróleo e do repúdio a Israel, tido como "uma ferida imposta ao Islã em seu corpo religioso".

III - ASPECTOS ECONÔMICOS E ESTRATÉGICOS

Encruzilhada de três continentes, alguns geógrafos dão ao espaço islâmico o topônimo de Eurasiáfrica. O núcleo de irradiação do islamismo vem, desde passado remoto, apresentando característica de campo de batalha: entre o norte e o sul (hititas e egípcios), entre o leste e o oeste (gregos, macedônios e persas); como zona de contato celebrou-se, durante a Idade Média, pelo comércio oriente-ocidente, entre árabes e povos mediterrâneos (genoveses e venezianos), a que os turcos otomanos ao se apossarem de Constantinopla puseram um fim.

Em três fases distintas efetuaram-se tentativas de integração política desse espaço hoje islâmico: o Império de Alexandre (Macedônia), o Romano e o Turco Otomano. Com exceção deste último, os dois primeiros tinham como objetivo estratégico-econômico fundamental, ao ocupar esse espaço geográfico, estabelecer uma linha de soldadura entre o Oriente e o Ocidente.

O vasto Império Otomano, com o governo central estabelecido na Turquia, era teoricamente absolutista, pois não gozava de grande autoridade nas províncias onde os pachás ou governadores, apoiados nas guarnições de janízaros, exploravam em seu proveito as populações. Era por isso um império bastante débil, já que as populações cristãs submetidas aos turcos conservavam a sua religião ortodoxa, suas línguas e tradições. A conquista territorial feita pelos turcos não havia realizado o

principal que era a fusão entre cristãos vencidos e muçulmanos vencedores. Cabia apenas aos cristãos pagar pesados tributos e obedecer às ordens dadas pelos turcos; os ódios de raça e religião levariam esses povos a se revoltarem no século XIX, procurando libertar-se do jugo muçulmano-otomano.

Estado multinacional, eram, no entanto, os árabes que dominavam mais amplamente no Império Otomano. No entanto, em meados do século XIX o despertar nacional árabe não seria levado a efeito pelo grupo islâmico, mas, curiosamente, pelos convertidos ao cristianismo.

Coube ao libanês-cristão Ibrahim el Yazidji (1868) lançar a primeira expressão clara da idéia nacional para, logo em seguida, se formarem em Beirute e Damasco as Ligas Secretas. Baseavam-se estas não na religião, mas na comunhão lingüística, como fundamento mais sólido para a formação de uma Confederação de Estados Árabes, sem nenhum dever de obediência ao poder muçulmano-otomano. Era este o início de uma corrente de idéias que preparariam a chamada Liga da Pátria Árabe e a conseqüente publicação do Manifesto de 1905 que reivindicava a independência.

Começam, porém, a surgir dificuldades relacionadas com o fator religioso, uma vez que a maioria dos promotores do movimento nacionalista árabe passou a destacar em seus programas a regeneração do islamismo, censurando os turcos por interpretarem mal o Corão. O fator religioso anularia o nacionalismo lingüístico, constituindo-se até 1918 no poderoso freio contra a unidade no mundo árabe.

Cruzamento das vias de circulação terrestre entre dois mares, as regiões ístmicas, os estreitos e golfos que envolvem o mundo islâmico têm grande valor geoestratégico.

Assim a importância das vias de passagem entre o golfo Pérsico e o Mediterrâneo diminuiu com a construção do canal de Suez, que se transformou na principal ponte de acesso dos europeus para a Ásia Meridional; posteriormente, a despeito do canal, tomaria novo impulso a zona de passagem golfo Pérsico—Mediterrâneo, quando a exploração do petróleo exigiu a construção de oleodutos.

Completando o quadro geoestratégico apresentam-se como zonas importantes as bacias do Nilo, do Tigre—Eufrates e do Índus, onde se instalaram as aglomerações do mundo islâmico e que por isso se transformaram em epicentros nevrálgicos. Nessas regiões geoestratégicas se defrontaram no século XIX francos e britânicos, britânicos e russos e hoje russos e estadunidenses.

IV — ZONAS DE ATRITO

No epicentro nevrálgico do golfo Pérsico, zona de escoamento da área mesopotâmica Tigre—Eufrates, se envolvem países cujos territórios vão num "crescente fértil" da bacia do Nilo à do Índus.

Neste âmbito geopolítico se confundem várias histórias girando em torno de rivalidades externas e também internas.

1 — Afeganistão: As Três Fases

Ao se iniciar o século XIX os interesses diretos da Inglaterra na Índia e o expansionismo russo na Ásia Central transformaram a então região sem fronteiras do Afeganistão numa zona de fricção e atritos.

Ciente de que em 1809 Napoleão propusera a Alexandre II da Rússia atravessarem esse centro nevrálgico para tomarem a Índia, os ingleses não perderam tempo assinando com Mahmud, pretense rei local de tribos variadas e dispersas, sediado em Cabul, um tratado de amizade eterna e assistência recíproca. Sem perda de tempo, os russos valiam-se dos xiitas persas para derrubar o rei de Cabul. Essa ligação com os persas ficou logo patenteada, pois em 1837 uma missão russa se estabelecia em Cabul.

Nova investida da Índia por parte dos ingleses levava ao trono um outro preposto, o Xá Shuja, destronado em 1842 por Dost Muhamad. Concorde-se que, teoricamente, termina aí a primeira fase da história afegã.

Dost Muhamad, também apoiado pelos ingleses, governou a região até 1863, tentando unificar o território e mesmo ampliá-lo em detrimento das pretensões russas. Chega-se assim ao final do século XIX quando surge propriamente o Afeganistão com fronteiras delimitadas acordadas pelos ingleses da Rainha Vitória e russos do Czar Nicolau II. Importante sob o ponto de vista geoestratégico para esses dois monarcas, o Afeganistão caracterizava-se como verdadeira cunha, em território extenso e estreito, autêntico Estado-Tampão entre os Impérios Russo na Ásia e Britânico na Índia. Um Afeganistão, pois, que nada mais era e passaria a ser do que mero expediente da História.

A rivalidade anglo-russa não terminaria aí; em 1878, por ter recebido em Cabul uma missão russa, o rei Shir Ali foi deposto pelos ingleses e substituído por Yakub Kã. Eis, porém, que uma revolta dos afegãos e o conseqüente massacre de ingleses (1879) poria fim à segunda fase da história desse país sem nação, que ficaria até o término da Primeira Grande Guerra na categoria de simples protetorado da Inglaterra (Tratado de Gandamak).

Aproveitando-se das dificuldades da Inglaterra no Primeiro Conflito Mundial e das vicissitudes da Rússia às voltas com a Revolução Comunista, o rei Amanulah consegue fazer a independência do Afeganistão, reconhecida em 1924 pelos ingleses.

O mesmo desejo que o Irã, também monarquia independente, teria na época em modernizar-se, contagiaria o rei Amanulah. Mas a islamização colocar-se-ia frontalmente contra a ocidentalização desse monarca que teve, em 1929, o mesmo destino que iria ter o Xá do Irã, cinquenta anos depois (1979) — foi deposto.

A modernização seria detida enquanto um chefe tribal, Nadir Xá, se nomeava rei do Afeganistão. Nessa terceira fase da história afegã o país passaria a girar na órbita soviética.

A Rússia passou a manter conselheiros e forte presença militar neste país desde a década de 40. Em novembro de 1940, quando estava ainda em vigor o Pacto Germano-Russo de não agressão (assinado em agosto de 1939), Viatcheslav Molotov, então Ministro do Exterior da Rússia, afirmava que tudo iria muito bem "desde que a área ao sul de Batum e Baku, na direção do golfo Pérsico, fosse reconhecida como centro das aspirações soviéticas" ("Nazi-Soviet Relations, 1939-41: Documents from the Archives of the German Foreigns Office" – Departamento de Estado – Washington, 1948 pág. 257).

Quando da invasão alemã na Rússia (agosto de 1941) tropas anglo-russas invadiram o Irã mostrando que seus interesses iam muito além do Índus, bem ao sul de Batum e ultrapassavam o Afeganistão.

Como ocorrera durante o Primeiro Conflito Mundial, o país foi dividido, cabendo à Rússia dominar as províncias do norte, já que, muito mais que o Afeganistão, o Irã se transformara em importante via de escoamento de armas estadunidenses enviadas ao governo de Moscou.

Assim, após a Segunda Guerra Mundial, obrigados a se retirar do Irã, viram os russos, muito a contragosto, ter início a influência estadunidense no país. Enquanto no Afeganistão o filho de Nadir Xá, Zahir Xá, se aproximava da Rússia para garantir suas fronteiras em face de outro país que despontava no cenário geopolítico – o Paquistão.

Esse mesmo Zahir Xá, pro-soviético, deposto em 1973, entregaria o poder a Mohamed Daud, seu primo, que estabeleceu o regime republicano no Afeganistão.

Surgiria então uma autêntica república de chefes feudais manipulados pela Rússia, que não parou mais de desfechar golpes e contra-golpes. Foram assim, oficiais afegãos, treinados na Rússia e seus próprios treinadores russos que depuseram Daud em 1975. Levaram então ao poder Mohamed Taraki, que, em menos de três meses, conseguiu perto de 25 acordos com a Rússia.

Em 1978, quando o célebre Tratado de Amizade levava o Afeganistão oficialmente para a esfera de domínio soviético, os chamados elementos reacionários resolveram agir. Assim, Hafizullah Amin conseguiu num golpe sangrento apoderar-se do governo mandando matar Taraki. Esse mesmo Amin teria por pouco tempo o poder (julho de 1978 a dezembro de 1979), pois, embora se mostrasse pró-soviético, foi derrubado pela Rússia.

Quanto tempo resistirá o seu sucessor Sabrak Karmal? Sabemos que o poder dos "mullahs" e senhores feudais no Afeganistão se sobrepõe, desde a Segunda Grande Guerra, aos canhões e ao poderio russo.

Sabe-se que há um movimento rebelde dominando as 22 das 28 províncias que compõem o Afeganistão. Esse movimento antes de ser direitista é, na realidade, um processo natural de islamização do país que já atingiu seus vizinhos – o Irã e o Paquistão. Movimento que no Afeganistão é dirigido por duas organizações: a Jamaat-i-Islami, de tendência republicana, apoiada pelo Paquistão e a Herz-i-Islami, que pretexta colocar no trono Zahir Xá vivendo em Roma desde 1973 quando foi deposto.

Para se entregarem a uma ação mais efetiva, as duas facções se uniram (março de 1979) na chamada Frente de Libertação Nacional, que já declarou o "jihad" (guerra santa) contra o marxismo.

Para os russos a consolidação de suas posições no Afeganistão é de suma importância, não somente por questões de ordem externa mas, em especial, por motivos de ordem interna. É que no Afeganistão, país com cerca de 650.000 km² (equivalendo à área de nosso Estado de Goiás), vivem cerca de 20 milhões de habitantes formando um intrincado mosaico étnico e muitos grupos desse mundo que se quer islamizar estão dentro da Rússia, em sua Ásia Central.

2 — O Problema das Minorias

Sabendo que deveriam evacuar o Irã, tão logo acabou a Segunda Guerra Mundial (dezembro de 1945), os russos procuraram esfacelar o país criando a República Autônoma do Azerbadjão e a República Popular Curda, que, no entanto, não vingaram.

De todas as minorias étnicas os curdos são sunitas contrastando com a maioria xiita existente dentro do Irã. No Irã os curdos ocupam a região ocidental e se espriam para o interior da Turquia, do Iraque, da Síria e da própria Rússia.

São cerca de 11 milhões de pessoas que formam uma nação mas que não se estabeleceu geopoliticamente como país. Têm sua língua, seus trajes típicos, costumes e folclore, não tendo conseguido manter seu país que surgiu meteoricamente após a Segunda Guerra Mundial. Daí os curdos se constituírem num foco de irredentismo na zona nevrálgica do golfo Pérsico.

Suas aspirações têm sido sufocadas sobretudo em Saveh, onde curdos e pasdars se enfrentam. Os pasdars são xiitas recrutados pelos mullahs do ayatollah Khomeini que também combateram cerca de 1 milhão de sunitas estabelecidos no Kuzestão, província petrolífera do Irã, na fronteira com o Iraque.

Os curdos, como as minorias do Kuzestão, não conseguiram vencer as tropas de Khomeini; embora islâmicos concorrem para a contra-revolução, podendo, se vitoriosos, contagiar as minorias que estão dentro das fronteiras soviéticas.

Os 5 milhões de tadjiques, que habitam o norte do Afeganistão, estão como os curdos separados por fronteiras políticas que lhes rompe a unidade geográfica histórica. Assim, além de cidadãos afegãos são também integrantes da República Soviética do Tadjiquistão.

A seu lado estão nas mesmas condições os usbeques, tanto os afegãos quanto os que pertencem à República Soviética do Usbequistão. São cerca de 1 milhão de usbeques que, como os 500 mil kirquises e turcomanos, têm também seus irmãos do outro lado da fronteira soviética.

Nessas condições, permitir a islamização do Afeganistão será fomentar o alastramento das idéias corânicas para dentro das fronteiras soviéticas. Será permitir a desagregação do Império Russo na Ásia Central.

Mas, apoiar os putsus, com cerca de 8 milhões de pessoas, que, por serem mais numerosos e mais fortes, conseguiram impôr a sua língua como idioma oficial no Afeganistão, é também uma temeridade, uma faca de dois gumes para a Rússia. Isso porque, embora não possuam irmãos seus dentro da União Soviética, possuímos no Paquistão, que, independente desde de 1947, abriga 4 milhões de putsus. O Paquistão se encontra em vias de islamização como o Irã, onde vivem os beluchis, na província do Beluchistão e que contam com cerca de 5 milhões de irmãos no Afeganistão.

Em quem, pois, se apoiar a Rússia? Tantas etnias, tantas línguas diferentes sobretudo no Afeganistão, de importância vital na geoestratégia soviética... Sim, porque o Afeganistão, onde a Rússia desorientada vem promovendo golpes e contra-golpes desde 1973, é, na realidade, o corredor de acesso em direção ao Índico, até bem pouco tempo um lago estagnado no âmbito das Relações Internacionais. Embora país sem litoral, o Afeganistão poderá chegar ao golfo Pérsico se sair vitoriosa a luta dos beluchis que, lutando com armas e apoio russo, pretendem formar a República do Beluchistão.

A região parecia ter simples interesse periférico para Moscou, depois da Europa, China e do próprio Oriente Médio. No entanto, a partir dos anos 70, quando criada a OPEP, que começou, para defender os seus interesses, a tomar medidas prejudiciais ao Ocidente, e a despeito de serem países pertencentes ao sistema capitalista, a Rússia começa a reagir aos acontecimentos em vez de gerá-los.

Mas acreditamos não ser tão fácil a investida da Rússia no Afeganistão, mesmo defensora de minorias étnicas; nessa área conturbada os que desejam a islamização contam com o fator experiência — são produto de uma terra hostil e montanhosa, onde a guerra tribal e interferências externas foram tônica constante.

As guerras que os ingleses enfrentaram no Afeganistão no século XIX terminaram em pequenas vitórias militares que a resistência nativa ofuscou. Se os ingleses, no passado, contaram com problemas de comunicação e suprimento, os russos, atualmente, comparados o momento e as novas técnicas, também enfrentam sérias dificuldades; dificuldades impostas pela ausência de ferrovias e rodovias no Afeganistão. Montando campanha nesse país, em ponte aérea que levou e levará grande número de soldados russos, além do efetivo maciço de divisões, a doutrina militar de Moscou, num caso de revés, não titubeará em usar o gás e armas biológicas que a perigosa guerra bacteriológica vem aprimorando.

Mas valerá a pena num jogo de influências que visa ao Índico, pelo qual se transportam aproximadamente 70% do petróleo mundial, e por onde trafegam superpetroleiros com 85% do produto indispensável consumido pelo Japão. O Índico é oceano de zona fragmentária que põe em contato numerosos países subdesenvolvidos desde a costa oriental da África até o Sudeste Asiático. Oceano que vai se firmando como via marítima de grande importância geoestratégica a partir da década dos 70, sobretudo quando as armas correram para lá quando das guerras indo-paquistanesa (1971) e árabe-israelense (1973).

Nesse jogo difícil do golfo Pérsico, a Rússia tem que esgotar todos os seus trunfos para vencer; é que os chineses não vacilarão em se aproveitar de um impasse militar soviético, do mesmo modo que as Repúblicas Islâmicas Soviéticas, como ainda os satélites do leste europeu, ansiosos por se livrarem das garras de Moscou.

Seria a desagregação do Império Russo, do mesmo modo que, ao se iniciar o século XX, a derrota dos russos frente ao Japão contribuiu para a queda do czarismo.

Está, pois, em jogo o Império Russo Asiático constituído por uma série de tratados que foram dos anos de 1858 até 1864 qualificados por Marx e Engels como "covarde expolição" e contra os quais não só a islamização reclama mas, sobretudo os chineses, na mais longa fronteira do mundo.

3 — Áreas Vitais

Na periferia do epicentro nevrálgico, por questões vitais, notamos os interesses russos voltados para a Ásia Meridional na seção Índico—golfo Pérsico.

Embora procure manter relações amistosas com a Grécia e Turquia, países-chave na rota dos navios russos que demandam o Mediterrâneo via canal de Suez, afrouxaram, em parte, o relacionamento com países-membros da Frente de Rejeição à iniciativa de paz Egito—Israel.

O rompimento Iraque—Síria, os dois países do Oriente Médio mais bem aquinhoados pela Rússia, gerou a recepção fria dada pelo Kremlin ao presidente sírio Hafez Assad, que visitou Moscou em fins de 1979. Bem diferente foi a recepção dada pelo governo russo a Abdel Fatah Ismail, do Iêmen do Sul, que pusera à disposição de Moscou a estratégica base de Aden em ponto-chave na junção mar Vermelho—Índico.

Aí se encontra o estratégico estreito de Bab-el-Mandeb sob a mira do Iêmen do Sul, no triângulo insular Perim, Socotra, Kúria-Múria, dominando o golfo de Aden. Contrabalança o posicionamento de Omã, cujo sultão Kaboos se vem mostrando pró-ocidente, oferecendo na ilha de Masira estratégica base para os Estados Unidos, cobrindo, pois, a passagem pelo estreito de Ormuz na junção golfo Pérsico—Índico.

a) Iêmen do Sul

No Iêmen do Sul a influência soviética se acentuou notadamente a partir de 1978 com o golpe de estado que culminou com o assassinato de Ahmed Ali Gashmi, presidente do Iêmen (do Norte), no qual se procurou envolver o presidente do Iêmen do Sul — Salim Robaye Ali. Tudo, porém, parece ter sido forjado, já que na realidade se traduzia em divergências, dentro do próprio Iêmen do Sul.

Nesse país, com 290.287 km² (equivalendo ao nosso Estado do Rio Grande do Sul), situado na costa meridional da península Arábica, que se tornara inde-

pendente da Inglaterra em 1967, o cenário político vinha sendo dominado por Robaye Ali, líder desde a fase do nacionalismo anti-britânico. A "ajuda russa" se fizera logo presente após a independência, e o "dirigismo" se manteve até o se intensificar da guerra Etíope-Somali na Cornucópia Africana, para onde Robaye Ali fora pressionado a enviar soldados seus para lutar ao lado de cubanos. Notava-se então que o "grau de convicção socialista" de Robaye Ali vinha decrescendo; sustentava ele que o "processo socialista devia ser bem moderado" para que o Iêmen do Sul pudesse ser melhor aceito no conjunto de Estados da península Arábica. Na oposição se puseram logo o Primeiro Ministro Ali Nasser Mohamed e o então Secretário da Frente Nacional de Libertação — Abdel Fattah Ismail; ambos eram favoráveis ao incremento do processo socializante e da maior aproximação com a Rússia. Justifica-se, pois, dentro da política soviética, o golpe de estado que a Rússia provocou em julho de 1978 no Iêmen do Sul e o fuzilamento de Robaye Ali para a manutenção dessa área de grande valor estratégico na esfera de controle comunista.

b) Etiópia

Outra área vital para a Rússia, mas já do outro lado do mar Vermelho, é a Etiópia com 1.184.600 km² (comparando-se à área do Estado do Pará), até bem pouco tempo cercada por vizinhos inimigos. No entanto, em fins de 1979 o presidente do Sudão, Jaafar Numeri, que sempre se mostrou aliado de Sadat do Egito, em troca de maior segurança se aproximou de Mengisto Hailê Marien da Etiópia, prometendo expulsar de seus territórios os guerrilheiros da Frente de Libertação da Eritreia.

c) Iraque

Beneficiário do vácuo do poder deixado pelo Irã, agora em situação caótica no golfo Pérsico, o Iraque com 444.442 km² (semelhante aos nossos Estados do Paraná e S. Paulo) se transformou na principal força organizada dessa área vital.

Em outubro de 1959 o presidente iraquiano Saddam Hussein foi o primeiro dirigente árabe a romper com a revolução islâmica, desconfiado com o "fundamentalismo" do ayatollah Khomeini.

Desde 1972 o Iraque passou a girar na órbita soviética, recebendo de Moscou 90% do armamento com que se defende sobretudo em conflitos na fronteira iraniana. Mas, no país, o relacionamento entre o Partido Comunista Iraquiano e o Baath, coalisão que ocupa o poder atualmente, tem sido violento. Assim, em maio de 1978 foram executados em Bagdad 21 oficiais do exército, membros do PCI. Respondendo aos protestos de 10 partidos comunistas de países árabes, o governo iraquiano se manteve firme em sua posição declarando que não considerava o PCI como adversário, mas que também não tolerava tentativas de engajar as Forças Armadas em atividades políticas. A realidade, porém, não era bem essa, pois novas execuções foram levadas a efeito em novembro de 1978, já no meio civil, quando

membros do PCI tentaram infiltrar-se nos Ministérios da Educação e no de Informação e Planejamento.

Na realidade os baathistas não confiam nos comunistas por várias razões e a principal delas reside no fato de considerá-los como instrumento de conspiração de superpotências. Nota-se que as investidas do PCI em 1978 só serviram para enfraquecer a posição soviética no Iraque, que procura pôr em prática uma efetiva política regional.

Procura competir com a Arábia Saudita, e com esse objetivo, vem aumentando seus laços comerciais com o Ocidente; em 1978 as importações iraquianas do bloco soviético caíram de 25% para 9%. Além de procurar através de tratados fazer incursões pela área de influência econômica da Arábia, tem o Iraque procurado atrair também os antigos clientes do petróleo iraniano, passando seu comércio com os Estados Unidos a atingir anualmente cerca de 500 milhões de dólares.

- Eis, pois, no Iraque, pelo menos a longo prazo, mais uma área vital no conturbado golfo Pérsico que poderá preocupar a Rússia.

Para contrabalançar a ligeira guinada do Iraque, Moscou procura ganhar tempo e agir subrepticamente no lêmên (do Norte), área vital nesse estreito de Bab-el-Mandeb, que tem apenas 48 km de largura, enquanto o míssil de superfície a superfície do tipo STYX tem um alcance de 40 km.

Mas, em termos estratégicos a Rússia já possui a sua cabeça de ponte nessa área vital, em Aden, no lêmên do Sul, que foi visitado em maio de 1978 pelo Almirante Sergey Gorshkov e que afirmou servirem as instalações russas para "demonstrar o poderio econômico e militar de um país muito além de suas fronteiras" (S. G. Gorshkov — "The Navy in War and Peace" — Morskoy Sbornik n.º 12 — Moscou, 1972 — pág. 16).

d) Irã

A política externa russa, na consecução de seus objetivos de instalar "glacis defensivos", tem sido bem mais eficiente que a dos Estados Unidos, que vêm num constante recuar.

Por ocasião dos avanços russos em 1978 acentuavam-se, coincidentemente, os protetos dos mullahs e implícita parceria dos comunistas contra o regime ocidentalista do Xá Mohamed Rheza Pahlavi, então à frente do mais antigo império do mundo.

A Dinastia Pahlavi chegou ao poder após o governo de Rheza Khan, que, pendendo para o lado russo numa disputa com a Inglaterra, liderou um golpe de estado comandando 2 mil cavaleiros (1925). Foi rápido o período tumultuado do governo de Rheza Khan, ex-pastor de ovelhas, militar de carreira fulminante durante a Primeira Guerra Mundial. Isto porque ocupou o trono do Irã, bastante ameaçado por dissidências tribais, e que, tal como seu vizinho, o Afeganistão, se caracterizou pela ocupação estrangeira.

Nessas condições, a 25 de abril de 1926, o trono era entregue a Rheza Pahlavi, que procurou envolver o Irã em pronunciada modernização. Porém, considerado pró-alemão durante a Segunda Guerra Mundial, foi obrigado a abdicar em favor de seu filho, o então jovem Mohamed Rheza Pahlavi (1941), quando mais uma vez a Rússia e a Inglaterra procuravam dividir o país em zonas de influência, tal como já haviam feito em 1906.

O reinado de Mohamed Rheza Pahlavi, entrecortado pela crise provocada por Mossadegh (1952-53), se manteve até 1979, oscilando entre a "subversão vermelha" dirigida pelos comunistas e a "reação negra", assim chamada por se relacionar com a cor dos trajes religiosos dos muçulmanos xiitas.

Procurou o governo Pahlavi modernizar um país com 1.650.100 km² (área comparada a do nosso Estado do Amazonas) onde somente 1/3 das terras não são desérticas ou montanhosas e a tarefa não foi tão fácil. Assim, embora a "revolução branca", ou período de reformas de um governo forte, tenha trazido melhoria ao país, os benefícios desigualmente distribuídos favoreceram a escalada da oposição; sobretudo quando a SAVAK, polícia secreta do Xá, passou a atuar menos a partir de 1970, quando o desenvolvimento econômico levou o governo a uma "abertura democrática".

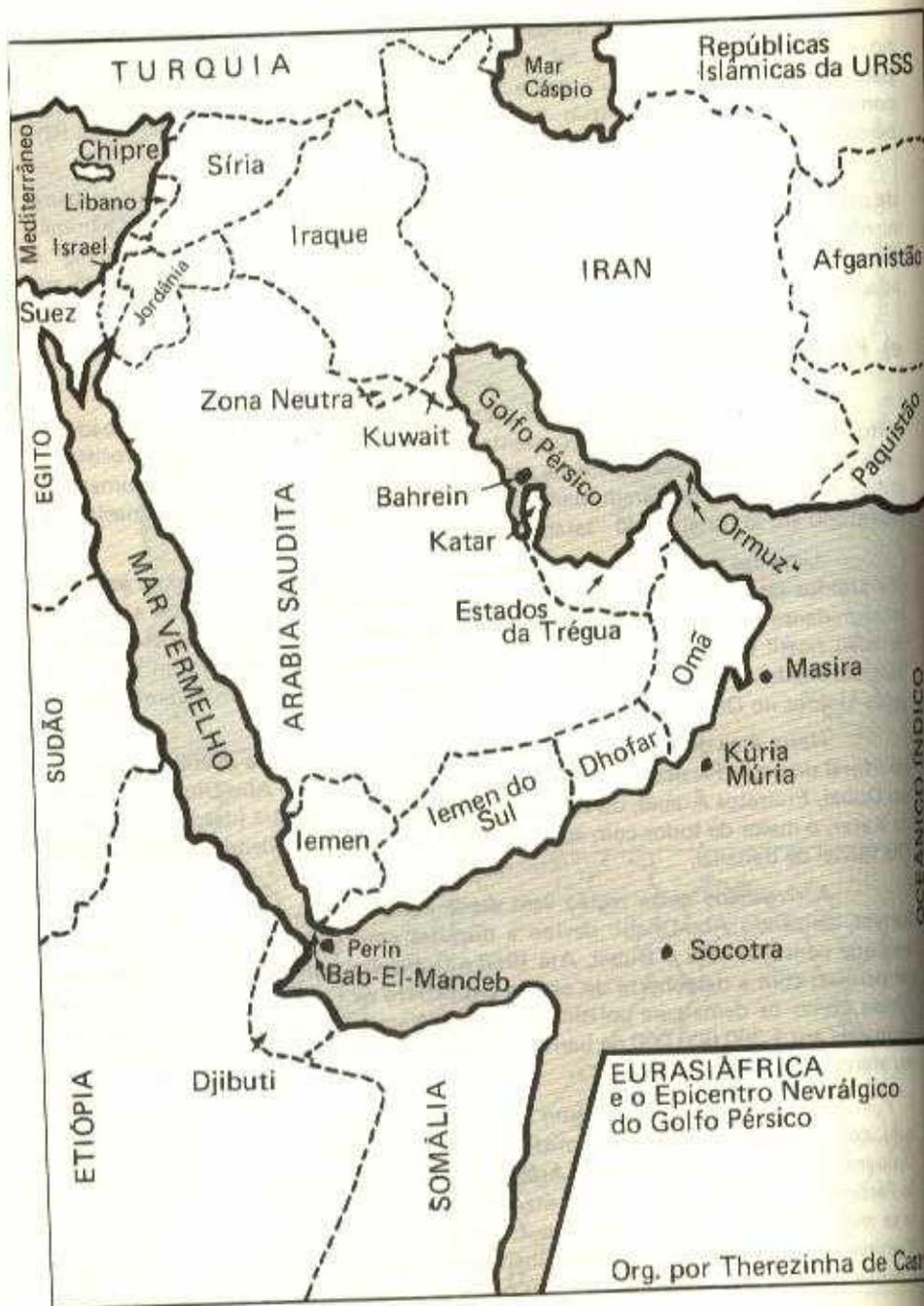
No final da década de 60 o Irã tinha uma das economias de maior crescimento. Com o aumento dos ingressos do petróleo, cujo preço praticamente quadruplicou, o governo atacou abertamente o problema da industrialização (usinas siderúrgicas e petroquímicas), aumentando ainda mais os desníveis sociais.

Socialmente falando houve uma migração maciça do campo para a cidade, que a própria reforma agrária, aprovada por referendun em 1963, não conseguiu deter; assim, o Irã, de exportador passou a importador de alimentos. Em contrapartida os complexos industriais, desarticulados entre si, ficaram numa dependência quase que total do exterior, por não terem podido absorver a mão-de-obra iraniana, suficiente mas eminentemente desqualificada.

Valendo-se desses reverses a oposição conseguiu pôr fim ao governo do Xá, num país rico em reservas de gás natural, com muito ferro, carbono e cobre, além do petróleo, e que sobrevivia importando para poder exportar.

A liberalização ou "abertura democrática" levada a efeito pelo Xá, permitindo, sobretudo, a partir de 1976, a organização de partidos e suprimindo a censura, levou o clero xiita a liderar a oposição; oposição que até então se vinha fazendo na clandestinidade, sob a liderança do ayatollah Khomeini, expulso do Irã depois da queda de Mossadegh.

Conseguiram os xiitas ofuscar o êxito de agitadores comunistas quando estes procuraram conquistar o povo iraniano valendo-se dos desníveis sociais. Dentro, pois, da conjuntura atual iraniana, só por outros meios mais drásticos (tal como ocorreu no Afeganistão), poderá esse país, tão bem posicionado no epicentro nevrálgico do golfo Pérsico, escapar ao destino que lhe vaticinou Kruschev ao dizer: "O Irã é uma maçã podre, e tudo o que temos a fazer é esperar que caia em nossas mãos".



ormosa e Angola ao seu próprio destino, e nada fizeram para impedir a revolução islâmica do ayatollah Khomeini, que acabou anulando seu aliado Irã.

Nessas condições, vemos que para a Rússia o imperialismo não tem barreiras, sobretudo quando se trata de defender seus interesses no âmbito das Relações Internacionais. Quanto aos Estados Unidos, o entrave da democracia, trazendo a reboque o que se convencionou chamar de direitos humanos (esquecendo-se sempre dos deveres), e a doutrina da não intervenção, vem promovendo a sua desmoralização no âmbito das Relações Internacionais.

As regras do jogo são muito desiguais dentro do que se chama de zona de influência política dos dois blocos. Nesta conjuntura nota-se o nítido avanço do Oriente e o contínuo recuo do Ocidente.

Há pouco mais de quatro anos os Estados Unidos eram influentes no litoral que se estende do Mar Vermelho ao golfo Pérsico, áreas vitais na rota do petróleo. Hoje é a Rússia que se mantém pelo menos numa posição mais cômoda, mais forte é a sua ação no âmbito das Relações Internacionais. Ação que a levou a não tubear em intervir prontamente no Afeganistão, pouco lhe importando a opinião pública mundial; em nítido contraste com os Estados Unidos, que se desmoralizam e desgastam e se auto-destróem no Irã, onde se abstiveram de uma ação armada para libertar os reféns que iranianos do ayatollah Khomeini mantêm desde novembro de 1979 na própria embaixada estadunidense de Teerã, considerada internacionalmente território inviolável.

V — CONCLUSÃO

O espaço que o mundo islâmico ocupa no meio dos três continentes do chamado mundo antigo, leva-nos a considerá-lo como um continente intermediário. Assim, o mundo islâmico separa as regiões inter-tropicais e o ocidente temperado; todas as comunicações diretas entre a África Negra e o Extremo Oriente passam por países muçulmanos. A Segunda Guerra Mundial demonstrou a importância geoestratégica desse espaço, já que foi através dele que passou a parte do abastecimento para a front soviético, sendo nele também travadas batalhas decisivas como a de El-Alamein.

Como fé global, o islamismo envolve uma população calculada em cerca de 600 milhões de pessoas, das quais 40 milhões estão dentro da Rússia, incluindo-se a cifra de 3 milhões de negros nos Estados Unidos. Envolvidos com as grandes potências não podem ser outrossim esquecidos os 30 milhões de muçulmanos que vivem na China.

Em se tratando de terras contínuas, o mundo islâmico é bem mais extenso do que o mundo árabe, pois se estende desde o oceano Atlântico através da África do Norte e passa pelo Oriente Médio atingindo o próprio coração da Ásia. Espaço esse centrado no golfo Pérsico.

Aí, nesse epicentro nevrálgico, se instalaria importante centro do imperialismo islâmico — Bagdad. Este teve suas origens na área contígua da península Arábica com o Estado Teocrático fundado por Maomé em Medina (622).

No âmbito do mundo islâmico os interesses econômicos estão e estiver sempre ligados aos estratégicos. E, coincidentemente, foi na zona estratégica que envolve no golfo Pérsico que começaram a se chocar as políticas petrolíferas grandes países; política petrolífera antecedida pelos ajustes financeiros de grupos econômicos interessados em empreendimentos ferroviários.

O centro inicial de interesse foi a concessão para uma sociedade alemã a construção de uma rede ferroviária com mais de 4.000 km, que devia ligar a Anatólia (Ankara e Koniah) ao golfo Pérsico. A Companhia da Estrada de Ferro de França pôs em choque a Rússia e a França.

Quando, em 31 de agosto de 1907, o Acordo Anglo-Russo dividiu esse epicentro nevralgico em zonas de influência, foi estabelecida uma área neutra em todo o golfo Pérsico. Apesar dessa zona neutra houve preocupações de ordem geopolítico-estratégica; à Inglaterra, por exemplo, não interessava a construção da ferrovia que de Teerã atingisse o golfo Pérsico, visto que uma base naval russa neste local constituiria uma ameaça para a segurança da Índia.

Aos poucos, os interesses ferroviários foram sendo ultrapassados pelos interesses petrolíferos; isto à medida em que o petróleo se transformava numa fonte de energia indispensável, ao substituir progressivamente o carvão, por ser não só mais barato como mais fácil de transportar.

Ainda durante a Primeira Guerra Mundial o carvão era o combustível básico para mobilizar as frentes de combate. Com o desenvolvimento da aviação e dos tanques do exército, o obsoleto coque foi substituído por combustíveis líquidos, do óleo diesel do carvão, que marcou a primeira etapa, se chegou ao petróleo, mais eficaz para assegurar o funcionamento dos motores, das fábricas industriais, dos aviões, dos automóveis, etc. Com relação à energia nuclear, bem mais cara, ela lhe muito ainda para que possa vir a desafiar o "ouro negro", cujo foco de distribuição se concentra exatamente na área contígua ao golfo Pérsico, onde estão os mais ricos países em petróleo, cuja instabilidade se reflete em todo o mundo.